

2014/12/03

## A Rússia e uma nova ordem internacional

*Alexandre Reis Rodrigues*

Há muitos analistas internacionais a tentar demonstrar que estamos perante o dealbar de uma nova ordem mundial. Kissinger, porém, diz que nunca houve uma ordem mundial<sup>1</sup>; houve apenas várias ordens regionais. Agora, sim, talvez haja possibilidade de passar a haver uma ordem mundial com a ajuda da globalização a fomentar interações entre as várias regionais. A grande dificuldade é o não existir qualquer consenso sobre os princípios que a poderão reger.



Resta a possibilidade de os perigos que estão pela frente chegarem para estabelecer uma agenda comum. Entre os principais, está a incapacidade de os Estados sozinhos responderem a alguns dos novos desafios gerados pela aceleração da globalização, pelo processo de difusão de poder abrangendo tanto novas potências como organizações não-governamentais e pela evidente falta de vontade das principais potências cooperarem entre si na resolução dos conflitos que mais ameaçam a paz e instabilidade no mundo. É o caso, entre outros, da questão da Coreia do Norte, cuja solução, em primeira instância, está entre as “mãos” da China e dos EUA, e as do Irão e Síria que dependem sobretudo de um entendimento entre os EUA e a Rússia, possibilidade que se vem tornando crescentemente remota.

Não obstante vários sinais de complexos desafios com que a ordem pós-Guerra Fria sempre teve que conviver durante os seus 25 anos de existência - período que, de facto, parece agora estar a concluir-se - não se esperava que o “oásis” de paz e estabilidade em que viveu a Europa viesse a ficar ameaçada por uma grave crise de instabilidade na sua periferia e centrada na postura da potência com quem, quer a NATO, quer a União Europeia, sempre anunciaram querer construir uma parceria estratégica.

Uma década depois de aprovado pela Assembleia Geral das Nações Unidas até o próprio conceito de “Responsabilidade de proteger” deixou de merecer o consenso que gerou inicialmente. Pior do que isso, parece estar também em causa o princípio da inaceitabilidade de conquista de território pela força, como sugere o facto de as principais potências se prepararem para aceitar a anexação da Crimeia como um facto consumado a que provavelmente se seguirá um idêntico desfecho para as autointituladas Repúblicas Populares de Donetsk e Luhansk. Várias coisas que falharam e ajudaram a chegar a este desfecho precisam de ser cuidadosamente reexaminadas pelos principais intervenientes.

---

<sup>1</sup> Em entrevista recente concedida a Juliane Von Mittelstaedt e Eric Follah, sob o título “Do we achieve world order through chaos or insight?”

Em primeiro lugar, pelos EUA que deixaram avolumar muitas dúvidas sobre a credibilidade e sobre a confiança que merecem as suas políticas face à terrivelmente malsucedida “aventura” do Iraque, ao caráter algo errático com que foi abordada a crise síria e à forma como conduziram o alargamento da NATO, esta última como a origem do envenenamento das relações com a Rússia e da crise ucraniana acima referida. Kissinger não hesita em afirmar que se o Ocidente quiser ser honesto reconhecerá que cometeu erros no caso da Ucrânia, nomeadamente ao fazer promessas que não era seguro poder cumprir. É verdade que Moscovo escolheu uma resposta que não é apropriada mas o despoletar da situação não é da sua responsabilidade. Naturalmente, a perda da posição de preeminência de que os EUA beneficiaram desde o fim da Guerra Fria e a incapacidade dos seus principais aliados - os europeus – desempenharem o papel global que anunciam querer ter, complica seriamente as possibilidades de inverter esta situação.

Putin, confiante com as potencialidades da sua arma energética, pelo menos no curto/médio prazo, dá-se ao luxo de desafiar a ordem internacional liderada pelos EUA mas a verdade é que estes também nunca souberam encontrar soluções que encorajassem Moscovo a adotar qualquer outra alternativa mais cooperativa. Veja-se o caso do escudo de defesa antimíssil na Europa que apesar de apresentado, através da NATO, como um campo de cooperação funcionou sempre em sentido contrário. As correções de orientação estratégica introduzidas pelo Presidente Obama já não chegaram a tempo de criar o clima de confiança que sempre faltou.

Com a complacência dos europeus, os EUA deixaram a Rússia cansar-se de ver acumular indícios que, pelo alargamento sem fim à vista da NATO, na sua perspetiva, correspondiam a humilhação e traição. Foi sob este clima que Moscovo acabou por não se mostrar preocupado com as possíveis reações da Aliança quando chegou a altura da Ucrânia. Só recentemente, já com a crise em pelo desenvolvimento, é que o Presidente Obama veio finalmente “enterrar” a promessa feita na Cimeira de Bucareste de que a Ucrânia um dia seria membro da NATO, a alternativa então encontrada para a recusa franco-alemã de formalizar logo nesse momento o convite de adesão como pretendia a administração americana. À Europa, embora certa na recusa de apoiar essa iniciativa americana, faltou a frontalidade para não evitar que o assunto ficasse em aberto, tanto mais sabendo que a hipótese de algum dia ser aprovada sempre ter sido remota.

Kissinger, na entrevista de que se faz uma referência no início deste artigo, quando confrontado pelos entrevistadores a dizerem-lhe que não se pode dizer aos ucranianos que não são livres de escolher o seu próprio futuro, responde com um esclarecedor “Porque não?”, que termina a entrevista. O Ocidente terá esquecido que a questão da adesão à NATO sempre dividiu os ucranianos e que estes nunca conseguiram eleger um Governo que em vez de se limitar a ter em consideração a fação que o eleger tivesse também em conta, de forma mais sensata, o quadro geral do País, incluindo uma aberta oposição à NATO por cerca de 50% da sua população. Podiam ao menos ter procurado aproximar-se da linha estratégica que tem seguido a Finlândia, que, mesmo não tendo razões tão fortes como as da Ucrânia, tem procurado sempre ser cautelosa.

Moscovo, a longo prazo, não tem uma perspetiva de futuro confortável, dado o grave problema demográfico em que se encontra<sup>2</sup> e os inúmeros e complexos obstáculos que não tem conseguido vencer para reestruturar a economia, tornando-a menos dependente das exportações de gás e petróleo. O revés que, presentemente, o setor está a sofrer, pela queda

---

<sup>2</sup> «Russia's demography befits a country at war. The population of 142 m is shrinking by 700.000 people a year. By 2015 it could be down to 100 m. The death rate is double the average for developed countries. The life expectancy of Russian males, at just 60 years, is one of the lowest in the world» in "The incredible shrinking people – Russians are dying out, with dire consequences" *The Economist* November 29<sup>th</sup> 2008.

dos preços no setor energético, vai acabar por ser muito mais grave do que o decorrente das sanções europeias e americanas. Esta realidade vai dificultar-lhe ainda mais as tentativas que faz para contrariar a ordem mundial unipolar que permaneceu por algum tempo no pós-Guerra Fria e, sobretudo, impedi-la de apresentar um modelo alternativo.

Segundo Ivan Timofeev,<sup>3</sup> Moscovo pretende uma ordem mundial multipolar mas não no sentido da coexistência entre as principais potências. O que procurará garantir será, essencialmente, impedir a possibilidade de uma potência sozinha ter capacidade de monopolizar o acesso a todas as fontes de desenvolvimento e crescimento económico, com base em divergências de natureza política. Ou seja, pretende ter várias opções de acesso a essas fontes.

Seja ou não esta a interpretação correta, o Ocidente tem pela frente o problema complexo de encontrar uma fórmula de posicionamento perante esta situação que não venha a ser interpretado, nem como apaziguamento nem como continuação do ignorar dos interesses russos.<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> Diretor de Programa no "Russian International Affairs Council", um "think tank" criado em 2010 pelos ministros dos Negócios Estrangeiros e da Educação russos. Artigo de referência: "Why Russia wants a change in the contemporary world order".

<sup>4</sup> Vamos a ver se existe capacidade de tirar partido dos erros cometidos, como sugere Robert D. Kaplan quando diz: «Failure and being wrong are things that we should hold dear, as prized possessions, and learn from constantly; they are more valuable than money in the bank or degrees from elite schools. Not to fail, not to be wrong, is inhuman».